

2º Pré-Simpósio do CEBES-Núcleo BA

Dialogando com movimentos sociais e fortalecendo articulações na luta pela defesa do direito à saúde

No dia 03 de outubro de 2017, no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA), ocorreu o 2º Pré-Simpósio do Centro Brasileiro de Estudos em Saúde (CEBES)-Núcleo Bahia. O evento foi o segundo encontro do ciclo de debates organizado pelo núcleo, cuja programação iniciou em agosto e findará em novembro/2017. O ciclo foi pensado como espaços preparatórios para o Simpósio Nacional do CEBES, evento que marcará os 40 anos da entidade, e reunirá atividades e discussões sobre o direito à saúde a partir de contribuições dos seus núcleos regionais. Os debates promovidos pelo Núcleo-Bahia, assim, têm o objetivo de estimular a formulação de propostas e fomentar a participação de seus/suas integrantes no encontro nacional, no qual será construída a chamada Tese do CEBES, um conjunto de diretrizes que norteará o trabalho do grupo durante todo o ano. Além disso, buscam fortalecer a ação local do Núcleo junto aos diversos atores, com o intuito de contribuir para a luta em defesa do direito à saúde no estado.

O ciclo de debates preparatórios para o Simpósio Nacional do CEBES tem como tema “Defender o SUS é defender a democracia” e, neste segundo encontro, reuniu representantes de diversas entidades, profissionais, professores/as, estudantes e militantes, com o propósito de promover, a partir do levantamento das suas pautas, o diálogo entre os movimentos sociais e a área da saúde, e uma maior articulação e mobilização em torno da defesa do direito à saúde.

A dinâmica do evento iniciou com a participação de 9 (nove) movimentos sociais que foram convidados a compor a mesa e a expor suas pautas e bandeiras de luta e, em seguida, foi aberto o debate para a plenária. Estiveram presentes diversos movimentos, dentre eles: Rede Feminista; Coletivo Baiano de Residências; Fórum Acadêmico de Saúde; Levante Popular da Juventude; Associação Metamorfose Ambulante de Usuários e Familiares do Serviço de Saúde Mental da Bahia (AMEA); Associação de Moradores de Plataforma/Subúrbio Ferroviário (Ampla); Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB); Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas; e Coletivo de Mulheres do Calafate; entre outros.

O CEBES-BA assumiu o papel de facilitador desse debate, através dos seus membros Rafael Damasceno, que coordenou a mesa, buscando encaminhamentos possíveis, e João Henrique, que fez a fala de abertura. Nesta abertura, João ponderou sobre três pilares relevantes para o enfrentamento das questões de saúde, que foram pautas de um debate ocorrido no final de setembro junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra da Bahia - a construção do diálogo, as pautas mais amplas, a partir da representação nacional e as falas das associações de bairros, dando espaço aos movimentos de base. Nesse sentido, coloca a importância da análise de conjuntura geral e a integração desta com as pautas individuais, para se pensar em ações com base em situações concretas.

Em seguida, a palavra foi dada aos representantes dos movimentos convidados à mesa, que levantaram as seguintes pautas:

A Rede Feminista apresentou a sua forma de organização, seus objetivos e suas principais pautas. Constitui-se uma rede que busca se articular a núcleos regionais, integrando-se à rede de organizações não governamentais e profissionais de saúde, mulheres, dentre outros. A organização, ao longo desses anos, assumiu um compromisso com a defesa da saúde integral das mulheres, dos direitos reprodutivos, e de um SUS único, público, universal e de qualidade. As suas pautas têm os seguintes temas de eleição: o combate à mortalidade materna, a defesa do aborto legal e seguro, o combate à violência contra as mulheres, a crítica à medicalização dos corpos femininos e dos eventos femininos, a prevenção do câncer de mama e a garantia de uma linha de cuidado para as mulheres na prevenção do câncer. Além disso, a Rede tem produzido uma série de dossiês sobre temas caros à entidade, e revelam, no momento, uma preocupação com a conjuntura política atual extremamente adversa, com o avanço do conservadorismo e dos retrocessos que estão postos, que tem efeitos imediatos à saúde das mulheres. Citam o fundamentalismo religioso, que proíbe o direito ao aborto, e a proibição da utilização do termo gênero, que remete à defesa de um modelo de mulher e de família, como retrocessos imensos aos poucos avanços que tínhamos conseguido. Atualmente, a Rede está presente em várias frentes de lutas, ainda que com dificuldades de mobilização das mulheres, que se encontra muito online, e uma dificuldade de renovação dos quadros. E, por isso, agradece o convite do CEBES, defendendo que esses diálogos são estratégicos para uma ação oportuna contra o desmonte do SUS. Para a Rede, defender o SUS é uma agenda urgente, ainda que acreditem que não devam secundarizar outras pautas importantes. Assim, tem a expectativa de que esse encontro possa não só construir resistências, mas também formular uma agenda propositiva, sempre apelando para que os interesses das mulheres não sejam vistos apenas como interesses específicos de um grupo, que parece supostamente minoritário da população.

O Levante Popular da Juventude aborda, em sua fala, os processos alienantes presentes na universidade, a necessidade de percebermos a forma alienante como o capitalismo se estrutura e a importância de nos organizarmos no sentido do enfrentamento a esta realidade. O representante do movimento expõe as suas três frentes de atuação: estudantil, territorial e camponesa, assim como as suas principais pautas: a luta pelo direito à saúde, a reforma agrária, os direitos dos LGBTQs, o racismo, o ataque à vida das mulheres, dentre outras. Trazem como bandeira a construção de um projeto popular para o Brasil, porque não adiantar lutar sem ter um projeto social para o nosso povo, destacando que o projeto do Temer tem sido uma espécie de morte para a população. E finaliza, afirmando que o projeto ideal precisa vir do povo brasileiro, a partir do pensar do povo sobre o Brasil, sendo preciso transformar a saúde num espaço do povo.

A AMPLA (Associação de Moradores do Subúrbio) expôs suas principais lutas, como a criação da Frente Saúde Unidade Suburbana em decorrência da necessidade de forma específica em algumas situações do subúrbio ferroviário, após o fechamento do posto de saúde. O CEBES-BA participou e apoiou essa frente, com o intuito de discutir as necessidades de saúde da comunidade e o melhor modelo de atenção para essa a comunidade.

O representante da AMEA (Associação Metamorfose Ambulante) trouxe em sua fala uma crítica ao projeto do atual presidente “Uma ponte para o Futuro” Resgata o

histórico de lutas da saúde mental, onde foi e tem sido necessário esta passar por uma reforma psiquiátrica e nesse sentido surgiu o movimento da luta antimanicomial. Além disso resgata o surgimento da AMEA, que atua como um espaço para a escuta, apoio e incentivo às lutas. Aponta que é bom estar nesses espaços de discussão, pois em geral a sociedade exclui as pessoas e é necessário desconstruir isso, ocupando os espaços e disputando o mercado.

O Coletivo Baiano de Residentes é composto por residentes de diferentes programas institucionais. Tem como objetivo o reconhecimento das categorias profissionais, compreendendo a importância da organização política dos residentes e estimular a participação dos estudantes nos espaços de deliberação como os colegiados. Suas principais pautas são: ampliação da terceirização, carência de mão de obra nas unidades, precarização do trabalho, carga horária de 60 horas, reflexão sobre o mundo do trabalho através do estímulo da educação permanente, ressignificar as práticas que já ocorrem. E trazem em suas lutas a defesa do SUS, laico, estatal e universal de qualidade para todos, pelo fim do subfinanciamento público, contra a proposta de revisão da PNAB, contra o congelamento dos recursos à saúde, contra os planos populares da saúde, ataque a noção do direito à saúde, contra a medicalização e patologização da vida, contra o ataque à cura gay, fora temer, fora barros, e diretas já!

O Coletivo de Mulheres do Calafate traz como se deu seu surgimento e como eles se organizam. O coletivo fica na fazenda grande do retiro, na comunidade do calafate, nasceu em 1992, com oito mulheres que se reuniram para discutir os problemas que as mulheres vinham enfrentando, a questão delas era a violência contra a mulher, essas mulheres vinham em situação de opressão, comunidade católica começa a discutir essa questão da violência. Suas principais pautas são: questão do emprego entre as mulheres, cortes do Programa Bolsa Família e a falta de cuidado das mulheres com suas saúde, já que elas que promovem o sustento das famílias, acabam não se preocupando consigo. Lutam pelo fim da violência contra a mulher, saúde e direitos sexuais reprodutivos, direito à escolha, à decisão em relação ao seu corpo, violência que as mulheres negras são alvo, violência obstétrica, racismo estrutural, empobrecimento das mulheres e a importância em haver segurança para discutir a questão do aborto, principalmente por parte das igrejas, principalmente as igrejas evangélicas.

O FAS (Fórum acadêmico de saúde) surgiu há 15 anos como um espaço de articulação dos estudantes. Este constrói diversos espaços de articulação, na luta pela reforma sanitária brasileira, construção de uma sociedade mais justa, mais equânime, onde defender o SUS é defender a democracia, SUS representa um projeto de novos valores, construção de um projeto de saúde e de poder popular, interesse do cuidado e não do capital, do trabalhador e não do dono das farmacêuticas, luta contra a mercantilização, defesa do SUS, garantia da saúde e dos direitos fundamentais, direito a terra, direito a reforma agrária, luta pela saúde mental dos estudantes, luta pela saúde mental, destruição dos manicômios, físicos e invisíveis, saúde da mulher, saúde que seja negra, não apenas um projeto de saúde, mas um processo de emancipação, não podemos mais esperar tutela.

O Movimento sem Teto da Bahia atua e discute não só a questão do teto, como também a discussão de uma construção de sociedade mais justa, pensando em ações para construir esta sociedade. Realiza a formação política do movimento e das mulheres, pois estas precisam se empoderar dentro dos movimentos. Pensar na saúde dessas mulheres é construir uma outra lógica de comunidade, trabalho com agroecologia nas comunidades,

trabalho nas comunidades de hortas comunitárias, prática do capital (ir ao mercado e comprar, lógica do consumo, do capital), e muitas vezes as pessoas deixaram de produzir o alimento e compram os produtos com agrotóxico, mas não produzem, nem tampouco compram na agricultura familiar. Propõe pensar a saúde das mulheres, e também a saúde dos filhos dessas mulheres. O coletivo atua em Salvador na região metropolitana, não somente na questão do teto, mas na construção de uma sociedade justa, mais igualitária, que se contrapõe aos valores do capital. E construir essa sociedade diariamente é pensar em unir forças.

Rafael abre para o debate, explicando que o objetivo do CEBES, ao propor esse espaço de discussão, foi reunir os movimentos sociais para dialogar e refletir se existem pautas ou articulações possíveis que possam unificar os movimentos. Propõe, assim, pensar, a partir dessa conjuntura de diversas especificidades, as possibilidades de unidade e de discussão.

A abertura do debate foi feita por Gimênia (Coletivo de Ação Fora Temer) que defende que, nessa conjuntura, a luta pela educação, pela democracia, pela saúde, a luta dentro do movimento negro, do movimento de mulheres e dos LGBTs se unem, estando todos a buscar esse elo neste momento em que o país passa por um golpe, no qual todos os direitos que ainda não tinham sido consolidados estão sendo retirados.

Houve também a fala de Messias Figueiredo (Coletivo de Ação Fora Temer) que faz uma denúncia de que o coletivo de ação que ele representa está sendo, diariamente, alvo da repressão da prefeitura de Salvador. O coletivo reivindica o direito de se manifestar, tendo procurado hoje o Ministério Público e a OAB para apoiá-los.

Uma outra participante chamada Lana, considera a proposta de Rafael de integrar os diversos movimentos que estão atuando, percebe que há pautas que unificam os diferentes movimentos a partir dos diferentes discursos. Nesse sentido, acredita que pensar em pautas comuns a todos os movimentos pode ser um ponto de partida interessante para essa discussão do processo de saúde e da saúde enquanto direito.

Camila do Bando Encantarias de Educação Popular, coloca que o coletivo de ação popular, tanto a nível local quanto nacional, trabalha nessa perspectiva de unificação das pautas dos diversos movimentos já há alguns anos, partindo da ideia de que há uma luta comum: a luta pelo direito social à saúde, que se encontra na Constituição Federal. E a grande questão que se coloca hoje é: por que é tão difícil consolidar o SUS? Por causa do sistema capitalista, e desse Estado navalha, que corta todos os direitos sociais. Em relação ao direito popular, a questão se torna mais difícil, porque o movimento popular esta dentro do conceito de movimento social.

Traz também uma fala em relação ao que a representante da Associação de Moradores de Plataforma colocou, Camila relata que acompanhou alguns estudantes no território do distrito ferroviário, acompanhando essa discussão, e sugere que a luta seja em torno de uma unidade de saúde da família e não de um pronto atendimento. Pondera acerca do esfacelamento da política nacional de atenção básica atualmente, mas acredita ser importante pensar nessa perspectiva, remetendo-se às fala da representante do Levante Popular, que ressalta a importância de ter claro o conceito de saúde que consideramos; e a do Eduardo, da Associação em Defesa da Saúde Mental, que abordou sobre a saúde que queremos: “Eu não quero mais viver melhor, eu quero viver bem, eu quero ter a

saúde, eu quero direito à vida, é o bem do viver”, ideia que se contrapõe ao capitalismo, que prega o viver melhor.

Além disso afirma que para ter direito à vida, é preciso uma reforma agrária nesse país, citando o encontro setorial de saúde do Movimento dos Sem Terra, que está implementando algumas escolas de agroecologia de saúde popular em todo o estado. Defende, assim, uma saúde popular e, pra isso, uma formação de saúde que caminhe nessa direção, o que implica mudança da formação do profissional de saúde: aprender as práticas tradicionais de cuidado à saúde e não só de cura e de reabilitação.

Exemplifica que é dentista e, na sua formação, aprendeu apenas os atos curativos e não aprendeu a cuidar do ser humano de uma forma integral. Então, propõe partir dessa perspectiva, pois quem cuida é a saúde da família, quem faz o acompanhamento longitudinal é a saúde da família em comunidade. Não adianta ter UPA, sem saúde da família.

Finaliza sua fala, referindo que a disputa é muito grande nesse campo da formação, pois a mercantilização do ensino é cada vez muito maior - as universidades estão sendo vendidas às multinacionais e os programas já chegam prontos. E aponta que, para fugir desse sistema, é preciso sair dos muros da universidade - sair da caixa, da forma, da norma, pensar para dentro de nós, das nossas instituições e como iremos dialogar com os diversos movimentos orgânicos para seguir em prol de uma saúde verdadeiramente popular.

Luiz da Frente Comunitária de Plataforma, aponta que os problemas de saúde do subúrbio são antigos e complexos, e que vivemos em um sistema perverso, onde ocorre o desmonte da saúde com o objetivo da privatização. Hoje, os médicos não são mais do SUS, já são privatizados. Portanto, ou a gente se une em defesa da saúde, em defesa do SUS, com todos os movimentos sociais, ou esse governo perverso vai desmontar toda a estrutura do nosso país.

Sílvio Medina, relata que pensando nos vários discursos dos movimentos, que trouxeram sua organização e suas bandeiras de luta, com a expectativa de superar as várias formas de opressão e exclusão que estamos vivendo hoje, a questão é como construir unanimidades a partir das várias pautas fragmentadas, em vários movimentos. Percebe vários pontos de união nas pautas, mas acha difícil agora, passado tanto tempo da reforma sanitária e em um momento de ataques tão perversos ao sistema de saúde e aos direitos sociais, dar sentido de conjunto na luta dos vários movimentos que progressivamente foram construindo pautas setorializadas.

Aponta que o papel do CEBES foi fantástico no sentido de convidar os vários movimentos que estão desarticulados hoje, pois temos esse desafio enorme de deixar de ser vários movimentos com suas lutas importantes em cada lugar para nos entender com uma certa unidade de luta de classes: uma tarefa que exige primeiro a disposição de ouvir a luta singular de cada um e tomar como sua própria luta. Mas pontua que temos um tempo muito curto pra isso, pois não poderemos esperar gerar toda essa identidade para começar a fazer a expressão de resistência aos desmontes do sistema de saúde, dos direitos sociais, trabalhistas e previdenciários.

Acredita que a agenda do CEBES, como um importante catalisador dessas relações, está tanto na construção de espaços onde os movimentos se conhecem e criam empatia de uma luta com a outra, quanto na criação de uma agenda objetiva que tenha a capacidade de expressar um limite às perdas que estamos sofrendo progressivamente. Propõe incluir os vários segmentos nas lutas mais gerais, o que inclui a organização e união das pautas dos movimentos no sentido de uma agenda mínima, pública, que unifique nossa força!

Evandro da AMPLA, refere-se à luta do subúrbio em defesa da saúde, dizendo que já discutiram com o secretário de saúde do Estado e do município e lutaram pelo PSF no subúrbio, que está sendo implantado no momento. Coloca as dificuldades no acesso ao atendimento em saúde, e o desamparo sentido pela população, que muitas vezes não encontra atendimento, pois os serviços estão sobrecarregados. Aponta a importância da luta pela saúde, e os movimentos expressam a força, sendo preciso mostrar aos governos que a população é capaz de exigir os seus direitos, pois elegeu governantes para cuidar da saúde da população. “A tecla maior é a nossa saúde, sem ela, nos não somos nada”.

Ana Áurea, professora da UEFS da área de saúde coletiva, coloca que fundaram um embrião do CEBES no início do ano e estão tentando se articular, com a parceria do Fórum Popular de Saúde. Pontua que essa discussão, de uma diversidade de coletivos, de objetivos, de dificuldades, expressa a defesa da dignidade humana e da vida, e isso já é um ponto de união. Há especificidades nas lutas, mas todos defendem a dignidade, a vida, o direito social, a liberdade. Se sente inspirada e instigada a repetir esse movimento na sua cidade aglutinando as diferenças, as diversidades, pensando nessa mobilização que não é fácil. Vemos todos esses movimentos aqui, mas não nas ruas, pois estamos vivendo uma realidade de muita repressão. Há dificuldades, mas, neste encontro, ficou clara a vontade de mobilização.

Sílvia, estudante da graduação em saúde coletiva, reflete sobre os desafios da esquerda e dos movimentos sociais dos últimos tempos, e propõe pensar a reforma sanitária, no sentido da luta institucional. Vivemos um momento em que os direitos são violados de maneira ampla e não estamos conseguindo articular a luta, dialogar com os diversos movimentos. É preciso entender a história da classe trabalhadora no Brasil, para lembrar que constituímos direitos fortes e é preciso confiar no nosso potencial de luta.

Nathalia, acredita na importância das pautas específicas, mas ao mesmo tempo reflete que a esquerda hoje é fragmentada e não estamos conseguindo nos unificar e nos organizar em pautas específicas que alcancem mudanças concretas. Nesse sentido, acredita que uma pauta específica que nos une, neste momento, é a luta contra a nova PNAB, porque ela representa o desmonte da medicina de saúde da família e da medicina de saúde da comunidade, crucial pra todos os grupos da população. Propõe pensar de que forma podemos nos organizar contra a revisão da PNAB.

Igor, trabalhador da saúde na USF de São Francisco do Conde, traz que em termos de unificação, acredita que estamos todos coletivamente doentes. Ao mesmo tempo em que isso extrapola o nosso país, que vive um retrocesso significativo, é um avanço de um sistema escravista, excludente que vem sendo reproduzido e nunca foi superado. Estamos construindo um modelo que não existe, historicamente, estamos pensando esse modelo que inclui, que une, que nos aproxima, mas há ainda há um longo caminho. Pondera que o sistema de saúde que criamos traz mais doença do que saúde, pois é alimentado por uma indústria da doença: a indústria de

alimentos. E finaliza, apostando no potencial da saúde da família, por estar em contato com as dificuldades e sofrimentos e, assim, abrir um espaço de participação popular.

Jairnilson Paim, militante do CEBES e professor do ISC/UFBA, parabeniza as falas da mesa, e afirma que o ISC é a casa de todos e, que, apesar de termos uma certa ideia de universidade como algo distante, nem toda universidade é tão distante. Refere-se a Eduardo, colocando que esta também é casa de Marcos Vinícius Matraga, pois esta casa o formou do ponto de vista de pós-graduação. Essa casa também foi parceira da AMPLA desde o início da década de 80, na disputa por ter uma creche, por ter posto de saúde, por formar residentes em Plataforma, mas também em Beira Mangue, vocês têm aqui um testemunho desse esforço que se faz aqui já há algum tempo.

Coloca alguns pontos: O primeiro ponto é que a perspectiva de se criar uma pauta ou uma agenda para dar continuidade a esse tipo de intervenção que vocês fizeram tem como perspectiva o debate que acontecerá em termos nacionais do CEBES. Então, vários núcleos estão fazendo um trabalho semelhante ao realizado aqui.

O segundo ponto é que, nessa perspectiva de, pelo menos do Núcleo da Bahia, não é que a saúde vá dominar ou hegemônizar ou neutralizar as iniciativas de cada um dos movimentos. Muito pelo contrário, a gente nem fala em unificação, que foi uma palavra que eu ouvi muito aqui, a gente fala em articulação, para que, a partir da identificação de cada uma das pautas, a gente perceber os equivalentes que podem, aí sim, convergir para fortalecer cada uma das pautas específicas.

E o terceiro e último, é destacar que essas ideias que estão sendo trazidas aqui pelo CEBES partem de um suposto de que esse Estado, que vocês tanto mencionaram aqui, esse Estado capitalista, que não é um Estado para o bem-estar de todos, mas é um Estado para reproduzir essa ordem econômica excludente, que se chama capitalismo. Esse Estado tem algumas funções ou alguns papéis que são fundamentais: um deles é articular a classe dominante, mas tem um outro papel fundamental que é desarticular as classes dominadas ou subalternas. E, nesse particular, a gente não pode continuar sofrendo essa mesma ação do Estado, no sentido de mantermos ou reproduzirmos essa desarticulação. Pelo contrário, esse esforço do CEBES é na perspectiva de unificar, aí sim, as lutas ainda que reconhecendo suas pautas específicas.

Grace, faz um convite para um Seminário aberto das Residências de Medicina de Família e Comunidade e Multiprofissional em Saúde da Família, no dia 10/10/2017. Será um seminário aberto que se propõe a discutir a PNAB e seus efeitos para os desmontes e desregulamentação da Atenção Básica, na Escola Bahiana de Medicina, no Campus do Cabula, às 18 horas.

Paulo Conceição, do Coletivo de Médicos pela Democracia, remete-se à palestra recente de Graça Mashall, liderança mundial conhecida, em um seminário, que apontou a direção para as lutas: o que a gente precisa fazer é unir mais as pessoas, articular mais os movimentos. Coisas que parecem pequenas, mas que são coisas grandes quando a gente consegue conversar mais com as pessoas, reunir mais as pessoas, articular mais!

E por fim, Tamildes, traz uma fala como mulher, negra, militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terras, moradora do Bairro de Vista Alegre, da suburbana. Considera que ver o que está acontecendo nas unidades de saúde da

suburbana, com o fechamento de unidades e o descaso, é ver nitidamente o genocídio e extermínio da população negra. Mas, falar sobre saúde popular é falar sobre a emancipação do povo, sobre a liberdade de ter saúde em suas mãos, sobre estar liberto das opressões que o amarram a cada dia.

O evento é finalizado com uma fala de Rafael, membro do CEBES, onde ele agradece a todos e todas que estiveram presentes no pré-simpósio. Além disso ele traz que o objetivo do CEBES ao realizar esse evento era o de articular os movimentos e ter essa oportunidade de conversar, discutir e divulgar as pautas de cada movimento. Colocando-se a disposição dos movimentos para proporcionar o diálogo, debate e de propor algo pensando a ação após o pré-simpósio.